8. São José pai na ternura

Catequese do Santo Padre sobre São José. “Para Jesus, São José foi um pai cheio de ternura”. Estas palavras, ouvimo-las no início da Audiência e bem podem expressar a paternidade de José, tal como a viu e viveu Jesus. Como o sabemos? Pela forma como o próprio Jesus falava de Deus e do seu amor, usando a palavra “pai”.

19/01/2022

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Praça São Pedro

Quarta-feira, 19 de janeiro de 2022

Catequese sobre São José 8. São José pai na ternura

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de aprofundar a figura de São José como *pai na ternura*.

Na Carta Apostólica *Patris corde* (8 de dezembro de 2020) tive a oportunidade de refletir sobre este aspecto da ternura, um aspecto da personalidade de São José. De fato, embora os Evangelhos não nos deem quaisquer detalhes sobre como ele exerceu a sua paternidade, podemos estar certos de que o seu ser um homem "justo" também se verificou na educação que deu a Jesus. "José via Jesus crescer 'em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e

dos homens' (*Lc* 2, 52). Como o Senhor fez com Israel, assim ele ensinou Jesus a andar, segurando-O pela mão: era para Ele como o pai que levanta o filho contra o seu rosto, inclinava-se para Ele a fim de Lhe dar de comer (cf. *Os* 11, 3-4)" (*Patris corde*, 2). É bonita esta definição da Bíblia que mostra a relação de Deus com o povo de Israel. E pensamos que tenha sido a mesma relação de São José com Jesus.

Os Evangelhos atestam que Jesus sempre usou a palavra "pai" para falar de Deus e do seu amor. Muitas parábolas têm como protagonista a figura de um pai (cf. *Mt* 15, 13; 21, 28-30; 22, 2; *Lc* 15, 11-32; *Jo* 5, 19-23; 6, 32-40; 14, 2; 15, 1.8). Uma das mais famosas é certamente a do *Pai misericordioso*, narrada pelo evangelista Lucas (cf. 15, 11-32). Esta parábola sublinha não só a experiência do pecado e do perdão, mas também a forma como o perdão

chega à pessoa que errou. O texto diz: “Estava ainda longe, quando o seu pai o viu e, movido de compaixão, foi ao encontro dele, abraçou-o e beijou-o” (v. 20). O filho esperava um castigo, uma justiça que no máximo lhe poderia ter dado o lugar de um dos servos, mas encontra-se envolto no abraço do seu pai. A ternura é algo maior do que a lógica do mundo. É uma forma inesperada de fazer justiça. É por isso que nunca devemos esquecer que Deus não se assusta com os nossos pecados: convençamo-nos bem disto. Deus não se assusta com os nossos pecados, é maior do que os nossos pecados: é pai, é amor, é terno. Não se assusta com os nossos pecados, com os nossos erros, as nossas quedas, mas assusta-se com o fechamento do nosso coração – isto sim, fá-lo sofrer – assusta-se com a nossa falta de fé no seu amor. Há uma grande ternura na experiência do amor de Deus. E é bom pensar

que a primeira pessoa que transmitiu esta realidade a Jesus foi precisamente José. Pois as coisas de Deus vêm sempre até nós através da mediação de experiências humanas. Há algum tempo – não sei se já contei isto – um grupo de jovens que fazem teatro, um grupo de jovens pop, “modernos”, ficaram impressionados com esta parábola do pai misericordioso e decidiram fazer uma peça de teatro pop com este tema, com esta história. E fizeram-na bem. E, no final, o tema principal é que um amigo ouve o filho que se afastou do pai, que queria voltar para casa, mas tinha medo que o pai o expulsasse e castigasse. E o amigo diz-lhe, naquela ópera pop: “Manda um mensageiro e diz que queres voltar para casa, e se o pai aceitar receber-te que ponha um lenço na janela, naquela que verás quando chegares à reta final”. Assim foi feito. E a ópera, com cantos e danças, continua até ao momento em que o

filho inicia o caminho final e vê a casa. E quando olha para cima, vê a casa cheia de lenços brancos: cheia. Não um, mas três ou quatro para cada janela. Esta é a misericórdia de Deus. Ele não se assusta com o nosso passado, com os nossos aspectos negativos: assusta-se apenas com o fechamento. Todos temos contas a acertar; mas acertar as contas com Deus é belíssimo, porque começamos a falar e Ele abraça-nos. A ternura!

Assim, podemos perguntar-nos se experimentamos esta ternura, e se, por nossa vez, nos tornamos suas testemunhas. Pois a ternura não é sobretudo uma questão emocional ou sentimental: é a experiência de nos sentirmos amados e acolhidos precisamente na nossa pobreza e miséria, e, por conseguinte, transformados pelo amor de Deus.

Deus não conta apenas com os nossos talentos, mas também com a nossa

fraqueza redimida. Isto, por exemplo, faz São Paulo dizer que há um desígnio sobre a sua fragilidade. De fato, escreveu à comunidade de Corinto: “Para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza” (*2 Cor* 12, 7-9). O Senhor não nos tira todas as fragilidades, mas ajuda-nos a caminhar com as fragilidades, pegando-nos pela mão. Pega pela mão as nossas fragilidades e põe-se perto de nós. Isto é ternura. A experiência da ternura consiste em ver o poder de Deus passar precisamente por aquilo que nos torna mais frágeis; mas sob condição de nos convertermos do olhar do Maligno que nos faz “olhar para a nossa fragilidade com um juízo

negativo, ao passo que o Espírito trá-la à luz com ternura" (*Patris corde*, 2). "A ternura é a melhor forma para tocar o que há de frágil em nós. [...]. Observai como as enfermeiras, os enfermeiros, tocam as feridas dos doentes: com ternura, para não os ferir mais. E assim o Senhor toca as nossas feridas, com a mesma ternura. Por isso, é importante encontrar a Misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da Reconciliação, - na oração pessoal com Deus, fazendo uma experiência de verdade e ternura.
Paradoxalmente, também o Maligno pode dizer-nos a verdade: ele é mentiroso, mas arranja-se para nos dizer a verdade a fim de nos levar à mentira; mas, se o faz, é para nos condenar. Ao contrário, o Senhor diz-nos a verdade e estende-nos a mão para nos salvar. Entretanto nós sabemos que a Verdade vinda de Deus não nos condena, mas acolhe-nos, abraça-nos, ampara-nos, perdoa-

nos” (cf. *Patris corde*, 2). Deus perdoa sempre: ponde isto na cabeça e no coração. Deus perdoa sempre. Somos nós que nos cansamos de pedir perdão. Mas ele perdoa sempre, inclusive as coisas mais terríveis.

Faz-nos bem, então, espelharmo-nos na paternidade de José que é um espelho da paternidade de Deus, e perguntarmo-nos se permitimos que o Senhor nos ame com a sua ternura, transformando cada um de nós em homens e mulheres capazes de amar desta forma. Sem esta “revolução da ternura” – é necessária uma revolução da ternura! – Corremos o risco de permanecer presos numa justiça que não nos permite erguer-nos facilmente e que confunde redenção com castigo. Por esta razão, hoje desejo recordar de um modo especial os nossos irmãos e irmãs que estão na prisão. É justo que quem erra pague pelo próprio erro, mas é também justo que aqueles que

erraram possam redimir-se do seu erro. Não podem haver condenações sem janelas de esperança. Qualquer condenação tem sempre uma janela de esperança. Pensemos nos nossos irmãos e irmãs encarcerados, e pensemos na ternura de Deus por eles e rezemos por eles, para que encontrem naquela janela de esperança um caminho de saída rumo a uma vida melhor.

E concluamos com esta oração:

São José, pai na ternura,

ensinai-nos a aceitar que somos amados precisamente naquilo que é mais débil em nós.

Concedei que não coloquemos qualquer obstáculo

entre a nossa pobreza e a grandeza do amor de Deus.

Suscitai em nós o desejo de nos aproximarmos do Sacramento da Reconciliação,

para que possamos ser perdoados e também que nos tornemos capazes de amar com ternura os nossos irmãos e irmãs na sua pobreza.

Estai próximo daqueles que erraram e que pagam o preço por isso;

ajudai-os a encontrar, juntamente com a justiça, a ternura para recomeçar.

E ensinai-lhes que a primeira maneira de recomeçar

é pedir sinceramente perdão, para sentir a carícia do Pai.

Saudações:

Com sentimentos de fraterna estima, saúdo-vos, queridos irmãos e irmãs que professais, em português, a fé no único Senhor de todos os povos e línguas. Encorajo-vos a que, banindo qualquer aparência de indiferentismo, confusão e odiosa rivalidade, possais colaborar com todos os cristãos por amor de Cristo. Unamo-nos todos sob o seu Nome! Também eu, em seu nome, vos abençoo desejando-vos que frutifiqueis abundantemente na paz, cooperação e unidade entre os vossos familiares e conterrâneos.

APELO

O meu pensamento dirige-se às populações das Ilhas de Tonga, atingidas nos últimos dias pela erupção do vulcão submarino que causou grandes danos materiais. Estou espiritualmente próximo de todas as pessoas afligidas, implorando a Deus alívio para o seu

sofrimento. Convido todos a unirem-se a mim na oração por estes irmãos e irmãs.

---

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/8-sao-jose-pai-na-ternura-francisco-2022/ (13/12/2025)